

## **Mátria**

Quero-me desperta  
se ao útero retorno  
para tactear a diurna penumbra  
das paredes  
na pele dos dedos reviver a maciez  
dos dias subterrâneos  
os momentos idos  
Creio nesta amplidão  
de praia talvez ou de deserto  
creio na insônia que verga  
este teatro de sombras  
E se me interrogo  
é para te explicar  
riacho de dor cascata de fúria  
pois a chuva demora e o obô entristece  
ao meio-dia  
Não lastimo a morte dos imbondeiros  
a Praça viúva de chilreios e risonhos dedos  
Um degrau de basalto emerge do mar  
e nas danças das trepadeiras reabito  
o teu corpo  
templo mátrio  
meu castelo melancólico  
de tábuas rijas e de prumos.

## **Os heróis**

Na raiz da praça  
sob o mastro  
ossos visíveis, severos, palpitam.  
Pássaros em pânico derrubam trombetas  
recuam em silêncio as estátuas  
para paisagem longínquas.  
Os mortos que morreram sem perguntas  
regressam devagar de olhos abertos  
indagando por sua asas crucificadas.

## **Na praia de S. João**

Há séculos que a sua frente taciturna  
desafia a premonição das estrelas —  
os rijos movimentos, o solitário remo  
a herdada sapiência de pressentir  
o cheiro da calema e a mandíbula do tubarão.

Ele que acredita em deus e nos deuses  
na bondade dos amuletos, na ciência dos astros  
na falível destreza dos seus braços  
há séculos que parte com a alvorada  
sem ninguém o ver.

Todos os dias aguardamos porém o seu retorno -

a brancura do sal nos músculos retesados  
o impulso final  
e a canoa implantada no colo da praia.

Em seu rasto perscrutamos ao cair do dia  
os limites do mar  
Por seu vulto ganham nova pressa  
os passos das mulheres  
o tilintar das moedas, o pregão das palayês  
E se enchem de falas as feiras ao entardecer.

Deste lado, a outra margem do infinito  
onde o crepúsculo saúda o regresso  
de lá do horizonte, do hemisfério da espuma  
da linha oculta no azul espesso  
do lugar onde a água só conhece a voz da água.

Nós te aguardamos  
mercador lunar, despercebido guerreiro  
e ao brilho das escamas que revelas  
Pois sem ti a praia seria apenas praia —  
o perfil do mar, a queixa do vento  
ou a nudez de anónimas pegadas na areia.

### **A lenda da bruxa**

San Malanzo era velha, muito velha.  
San Malanzo era pobre, muito pobre.  
Não tinha filhos, não tinha netos  
Não tinha sobrinhos, não tinha afilhados  
Nem primos tinha e nem enteados  
Ela era muito pobre e muito velha  
Muito velha e muito pobre era.  
Era velha, era pobre san Malanzo  
Pobre e muito velha  
Velha e muito pobre  
Era velha e pobre  
Era pobre e velha  
Velha pobre.  
Pobre velha  
Velha  
Pobre  
Feiticeira.

### **Certos pequenos tiranos**

A certos pequenos tiranos  
comove-os o enigma na pétala de uma orquídea  
e o langor da linha na palma da própria mão.

Algures, um estranho brinquedo falece  
na secretária onde existem.

Por vezes articulam breves sentenças  
e estão sempre em atritos com o mesmo orçamento.

Mas crêem no amparo de feitiços e amuletos  
e segregam uma teia de invencível apatia  
que tolhe as impressoras, as portas dos armários  
e contrai as linhas das quatro paredes.

Porque os emociona a própria bondade  
tomam por amor a vénia dos vassallos  
os pequenos tiranos  
que publicam altos amigos como títulos de jornal  
e distribuem grãos de favor como quem outorga um foral.

São meticulosos no arrumar dos papéis  
pois na simetria das coisas enterram a luz das ideias.

Mortifica-os a idade, são hipocondríacos  
e só por distracção morrerão em África.

Dói a doçura da savana espezinhada nesses pequenos tiranos  
A pátria em seus ombros é divisa, cartão de visita  
No borrão do carimbo dispara a AKA que nunca empunharam.

## **A mão**

Toma o ventre da terra  
e planta no pedaço que te cabe  
esta raiz enxertada de epitáfios.

Não seja tua lágrima a maldição  
que sequestra o ímpeto do grão  
levanta do pó a nudez dos ossos,  
a estilhaçada mão  
e semeia

girassóis ou sinos, não importa  
se agora uma gota anuncia  
o latente odor dos tomateiros  
a viva hora dos teus dedos.

## **Sóya**

Há-de nascer de novo o micondó —  
belo, imperfeito, no centro do quintal.  
À meia-noite, quando as bruxas  
povoarem okás milenários  
e o kukuku piar pela última vez  
na junção dos caminhos.

Sobre as cinzas, contra o vento  
bailarão ao amanhecer  
ervas e fetos e uma flor de sangue.

Rebentos de milho hão-de nutrir

as gengivas dos velhos  
e não mais sonharão as crianças  
com gatos pretos e águas turvas  
porque a força do marapião  
terá voltado para confrontar o mal.

Lianas abraçarão na curva do rio  
a insónia dos mortos  
quando a primeira mulher  
lavar as tranças no leito ressuscitado.

Reabitaremos a casa, nossa intacta morada.

### **Afroinsularidade**

Deixaram nas ilhas um legado  
de híbridas palavras e téticas plantações

engenhos enferrujados proas sem alento  
nomes sonoros aristocráticos  
e a lenda de um naufrágio nas Sete Pedras

Aqui aportaram vindos do Norte  
por mandato ou acaso ao serviço do seu rei:  
navegadores e piratas  
negreiros ladrões contrabandistas  
simples homens  
rebeldes proscritos também  
e infantes judeus  
tão tenros que feneceram  
como espigas queimadas

Nas naus trouxeram  
bússolas quinquilharias sementes  
plantas experimentais amarguras atrozes  
um padrão de pedra pálido como o trigo  
e outras cargas sem sonhos nem raízes  
porque toda a ilha era um porto e uma estrada sem regresso  
todas as mãos eram negras forquilhas e enxadas

E nas roças ficaram pegadas vivas  
como cicatrizes — cada cafeeiro respira agora um  
escravo morto.

E nas ilhas ficaram  
incisivas arrogantes estátuas nas esquinas  
cento e tal igrejas e capelas  
para mil quilómetros quadrados  
e o insurrecto sincretismo dos paços natalícios.  
E ficou a cadência palaciana da ússua  
o aroma do alho e do zêtê d'óchi  
no tempi e na ubaga téla  
e no calulu o louro misturado ao óleo de palma  
e o perfume do alecrim  
e do mlajincon nos quintais dos luchans

E aos relógios insulares se fundiram  
os espectros — ferramentas do império  
numa estrutura de ambíguas claridades  
e seculares condimentos  
santos padroeiros e fortalezas derrubadas  
vinhos baratos e auroras partilhadas

Às vezes penso em suas lívidas ossadas  
seus cabelos podres na orla do mar  
Aqui, neste fragmento de África  
onde, virado para o Sul,  
um verbo amanhece alto  
como uma dolorosa bandeira.

## 1975

E quando te perguntarem  
Responderás que aqui nada aconteceu  
Senão na euforia do poema.

Diz que éramos jovens éramos sábios  
E que em nós as palavras ressoavam  
Como barcos desmedidos

Diz que éramos inocentes, invencíveis  
E adormecíamos sem remorsos sem presságios

Diz que engendramos coisas simples perigosas:  
Caroceiros em flor  
Uma mesa de pedra a cor azul  
Um cavalo alado de crinas furiosas

Oh, sim! Éramos jovens, terríveis  
Mas aqui – nunca o esqueças – tudo aconteceu  
Nos mastros do poema.

## Descoberta

Após o ardor da reconquista  
não caíram manás sobre os nossos campos.  
E na dura travessia do deserto  
Aprendemos que a terra prometida  
era aqui.  
Ainda aqui e sempre aqui.  
Duas ilhas indómitas a desbravar.  
O padrão a ser erguido  
pela nudez insepulta dos nossos punhos.

## **O Guardião**

*Sobre todas as coisas, o guardião  
venera o eco da própria voz.  
No anel de bondade em redor do trono  
decretou a obediência do vento  
e a vassalagem dos frutos.*